

O verdadeiro saque

O GLOBO

16 SET 1993

NO confuso tempo que estamos vivendo, sempre podem aparecer irresponsáveis pregando soluções arbitrárias. É o caso do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Francisco Urbano, para quem os sindicatos rurais devem comandar e organizar os saques feitos por flagelados do Nordeste.

A IDÉIA de "organizar" um saque só poderia ocorrer a uma pessoa ignorante ou mal-intencionada. O saque é, por definição, a desordem; e a ordem que se segue a essa desordem nunca é a que pode beneficiar os famintos.

NO outro lado do espectro, Herbert de Souza, o Betinho, toca para a frente a sua campanha contra a fome. É algo muito bonito, e pode dar à sociedade brasileira um sentido de organização que até agora lhe tem faltado.

MEDIDAS de emergência, entretanto, esgotam-se na sua própria definição; e, às vezes, dão às pessoas a sensação de que já fizeram alguma coisa — o suficiente para que tudo continue a ser como dantes.

O QUE é que pode mudar a situação do pobre nesta tão injusta sociedade brasileira? Quem quiser saber, deveria prestar atenção no que o ministro Fernando Henrique está dizendo — e que acaba de repetir, com todas as letras.

ELE não quer choque, não

quer milagre, não quer solução improvisada. Medidas de emergência podem e devem ser tomadas, sobretudo numa recessão tão prolongada como a de agora; mas o que sangra realmente o pobre é a desorganização intrínseca da economia, que se traduz numa inflação vergonhosa.

HÁ anos que se fala nisso neste país; mas não se atacam as causas fundamentais da inflação — sendo a maior delas, a desorganização do setor público, que cria a iniquidade número um: um sistema de governo que se alimenta da inflação, que precisa da inflação para acertar o orçamento.

É COM essa iniquidade máxima que temos convivido, sem dar muito por isso — ou fingindo que não vemos. Não se vai às causas; fica-se brincando de choque, sob o pretexto de que, num determinado momento, "não dá mais para agüentar".

DA classe média para cima, sempre dá para agüentar; o povo, nesse regime, é que vai perdendo as últimas dobras de gordura.

O QUE é preciso fazer? Enfrentar a realidade com a energia que isso exige; e deixar para depois brigas de família como as que agora dilaceram o PMDB.

É O que acaba de dizer o ministro Fernando Henrique: "Não se sai das dificuldades, na área da moeda, em ter-

mos partidários. Não estou aqui para tomar medidas para um partido ou para uma coligação de partidos. É um erro até de cálculo eleitoral jogar com essa questão partidária. Quem não entender isso vai ver o que acontece nas próximas eleições."

O MINISTRO sabe ser didático, quando quer. O que ele tem proposto é que, afinal, o Brasil enfrente a sério a tarefa de organizar o setor público.

OS que querem, por exemplo, organizar saques no Nordeste não têm nada a dizer sobre a monstruosidade que é uma administração municipal gastar até o seu último centavo pagando funcionários. Pela nova Constituição, os municípios têm mais dinheiro. Situações regionais de emergência podem e devem ser enfrentadas no nível regional. Por que achar que o dinheiro tem de vir sempre de Brasília?

MAS aí estão estados e municípios vergados ao peso de folhas salariais absolutamente fictícias, que atendem apenas a mesquinhos interesses políticos.

ERA assunto para ser tratado, com urgência, na revisão constitucional; mas sempre aparece quem diga que não há pressa, ou que a revisão é "irregular". Regular, em vez disso, deve ser passar fome; e ficar à mercê de quem se propõe a "organizar" os saques.